

A TELESCOLA E UM CERTO RENASCER DA RTP PORTO

JOANA FILLOL

206,44

203,57

200,70

205,90

199,30

Ao longo dos seus 60 anos de história, a RTP Porto pôde experimentar o que é nascer por mais do que uma vez. A segunda vida dada ao Monte da Virgem, precisamente cinco anos após a sua inauguração, chegou com a exploração do Centro de Produção do Porto (CPP) para fins educativos: primeiro discretamente, com a Televisão Escolar, depois intensamente, com a Telescola. Esta vocação pedagógica atribuída ao CPP não foi — como se verá adiante — recebida por todos de forma entusiástica. Para alguns, ela significou uma monocultura, a primeira a afetar a RTP Porto, impedindo-a de dar cartas noutra tipo de programas. Apesar disso, a fase que o CPP iniciou em 1964 foi, com certeza, uma oportunidade importante, ao fazer mexer e projetar a nível nacional a recente estrutura criada no Monte da Virgem. Mas, sobretudo, ao constituir-se como uma escola também para os profissionais da televisão no Norte.

ITE
CICLO PREPARATÓRIO TV
TELESCOLA

PORTUGUÊS

1.º ANO

FOLHA DE TRABALHO N.º 1



OBJECTIVOS A ATINGIR

- DESENVOLVER A CAPACIDADE DE COMUNICAÇÃO
- DESENVOLVER O SENTIDO CRÍTICO

SABERÁS QUE ATINGISTE OS OBJECTIVOS QUANDO FORES CAPAZ DE:

- ler correctamente e com expressão;
- escutar e intervir oportunamente;
- entender instruções escritas;
- escrever com desembaraço e correcção;
- transmitir ideias e experiências pessoais com clareza e correcção;
- observar e criar.

Telescola, Folha de trabalho,
disciplina de Português 1.º ano
[Prof.ª Eunice Taveira Gama]

Fig. 1

1

A 11 de outubro de 1965 começava, a partir do Centro de Produção do Porto, essa experiência de ensino à distância que iria marcar mais de meio milhão de portugueses ao longo de 22 anos¹ e revolucionar o panorama educativo em Portugal: a *Telescola*. O país vivia em plena ditadura do Estado Novo e a RTP, que então era simplesmente «a televisão», nascera havia menos de uma década, tendo entre as suas «mais representativas finalidades» o elevar do nível cultural e educativo da população². O «tele ensino», já utilizado noutros países, trazia consigo a promessa de responder aos graves problemas que, em matéria de educação, afetavam o país.

Pouco tempo antes, no início dos anos 60, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico, no âmbito do «Projeto Regional do Mediterrâneo», tinha apontado uma série de deficiências ao sistema de ensino português, vendo nelas um entrave ao desenvolvimento económico e social. Entre os problemas identificados, dois se destacavam: uma escolaridade obri-

gatória reduzida (a que se seguiam elevados índices de abandono) e baixas taxas de aproveitamento escolar³.

Num país com poucos recursos económicos como Portugal, o ensino através da televisão afigurava-se uma alternativa aos avultados investimentos que a aposta na melhoria da rede nacional de ensino implicaria. Graças a ele, não seria preciso formar centenas de professores, construir novos estabelecimentos de ensino nem melhorar as vias de comunicação, para que as crianças que viviam nas zonas rurais se pudessem deslocar até eles. A ideia que presidia ao novo subsistema de ensino aparece condensada na seguinte afirmação: «Um só professor, cuidadosamente escolhido pelas suas aptidões, e milhares, dezenas ou centenas de milhares de fiéis discípulos a segui-lo atentamente nos mais variados recantos!» Assim antevia, já no final de 1963, o ministro da Educação Nacional, Inocêncio Galvão Teles⁴.

Foi o próprio ministro quem, em março de 1965, na cerimónia em que deu posse ao

1 Trinta e nove, se considerarmos não só o período em que as lições eram emitidas pela RTP, mas também aquele em que eram enviadas cassetes de vídeo com as aulas gravadas para as escolas.

2 *Anuário RTP*, 1967: pp. 181-182.

3 Alves, 2012.

4 «Editorial: Televisão Educativa» (1983, 26 de dezembro). *Revista TV*, 35, p. 5.

presidente do recém-criado Instituto de Meios Audiovisuais de Ensino (IMAVE), anunciou a criação da *Telescola* e revelou que a sua sede ficaria no Porto, «utilizando para a transmissão dos programas o estúdio e o pessoal especializado da RTP existentes naquela cidade»⁵.

O IMAVE⁶, organismo que superintendia a *Telescola*, tinha a presidi-lo António Carlos Leónidas. No entanto, outro nome é aqui digno de referência: o do inspetor Batista Martins, unanimemente considerado «o pai da *Telescola*». Enquanto bolseiro do Instituto de Alta Cultura, visitou os serviços pedagógicos e audiovisuais já fundados noutros países e fez estágio na *Telescuola*, da Radio-televisão Italiana. O sistema que preconizou para Portugal, «pela sua originalidade e qualidade, não desmerece no confronto com as dos outros países», assegurava o próprio inspetor em 1965, numa entrevista dada à revista *Rádio e Televisão*⁷. Portugal inovou ao introduzir a rede de postos de receção e criação do professor-monitor⁸.

De facto, a *Telescola*⁹ (eis a sua designação oficial) elevava a um novo patamar a experiência de ensino através da televisão,

ao servir-se dela para ministrar cursos de habilitação do 1.º ciclo do ensino secundário, liceal e técnico (correspondente aos atuais 5.º e 6.º anos de escolaridade). Embora estando ao alcance de qualquer telespectador seguir as aulas, estas destinavam-se primordialmente a alunos matriculados, que assistiam às lições através da televisão nos chamados postos de receção, criados em escolas primárias, mas também, em fábricas e Casas do Povo¹⁰, onde contavam com a figura do monitor da *Telescola* — quase sempre professores do ensino primário, mas, por vezes, também padres — para os ajudar a consolidar as matérias e assegurar um bom aproveitamento.

Depois de um intenso trabalho preparatório, a *Telescola* — que era constituída pelas mesmas disciplinas do ciclo preparatório do ensino técnico profissional, mais Francês —, iniciou então as suas transmissões em outubro de 1965, com 81 postos de receção e quase mil alunos (ver quadro seguinte)¹¹. Porém, já um ano antes, em outubro de 1964, a RTP Porto se tinha estreado na emissão de conteúdos escolares, com os quais tantos telespectadores ainda hoje a relacionam.

5 «O Dr. António Carlos Leónidas tomou posse do cargo de Presidente do Instituto de Meios Audiovisuais de Ensino (1965, 4 de março)», *Rádio e Televisão*, 97, p. 27.

6 Estabelecido pelo decreto-lei n.º 46135, de 31 de dezembro de 1964.

7 «TV Escolar e Educativa: Declarações do Inspetor Baptista Martins» (1965, 4 de fevereiro). *Rádio e Televisão*, 93, pp. 24 e 25.

8 Peça RTP (1984, 10 de outubro). *RTP Arquivos*.

9 A *Telescola* é criada no Ministério da Educação Nacional, na dependência do IMAVE, pelo decreto-lei n.º 46136, de 31 de dezembro de 1964.

10 *RTP (1965): Anuário*. Lisboa: RTP.

11 Barros, 2012.

SIGNIFICADO ESTATÍSTICO DA *TELESCOLA*

	1965/1966	1975/1976	1985/1986	1995/1996	2000/2001
Postos	81	865	1 131	626	384
Alunos	984	35 446	57 146	16 198	6 405
Monitores/ Professores	---	2 419*	3 197	1 529	802

Fonte: Alves, 2012

* Embora não se tenham encontrado os registos deste ano, no ano letivo seguinte (1976/1977), para 897 postos e 41 821 alunos existiam 2419 monitores/professores.

Viajemos, pois, atrás no tempo para retomar essa parte da história do CPP que a

Telescola, pela duração, dimensão e importância assumidas, quase fez esquecer.

TELEVISÃO ESCOLAR: A FASE EMBRIONÁRIA

Em janeiro de 1964 (mais de ano e meio antes do início da *Telescola*), a RTP arrancou, por sua iniciativa, com a *Televisão Escolar e Educativa*¹², tendo para o efeito criado uma comissão com o mesmo nome que incluía representantes do Ministério da Educação Nacional, da RTP e da Fundação Calouste Gulbenkian. Num discurso trans-

mitido através da televisão, nos últimos dias de 1963, o ministro da Educação anunciava o que definia como «um milagre da técnica e da civilização»¹³, com a utilização, pela primeira vez em Portugal, da televisão para fins pedagógicos e educativos.

Nessa primeira experiência, realizada a partir dos estúdios de Lisboa, uma série de

12 «Editorial: Renovação» (1963, 19 de dezembro). *Revista TV*, 34, p. 7.

13 «Editorial: Televisão Educativa» (1963, 26 de dezembro), *Revista TV*, 35, p. 5.



Telescola, Estúdio A — RTP Porto [RTP]

professores de diferentes disciplinas dava aulas através da televisão, sendo o público convidado a seguir as lições por alta recreação. As matérias lecionadas visavam diferentes tipos de público, com diferentes níveis de instrução. Entre Português, Inglês, História de Portugal ou Desenho, encontrava-se o «Programa para Educação de Adultos», que, lecionado por um professor do ensino primário, consubstanciava a *Televisão Escolar* propriamente dita. Diferenciava-se, pela

sua missão, da televisão educativa: tinha por finalidade ensinar os portugueses a ler e a escrever, dando um contributo para atenuar a elevada taxa de analfabetismo que então se registava em Portugal, uma das maiores de toda a Europa — os primeiros dados de que há registo datam de 1970 e revelam que no país um em cada quatro portugueses não sabia ler nem escrever¹⁴.

António Maria Saraiva foi o escolhido para estar à frente desse «Programa para

¹⁴ Pordata. Retirado de: <https://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+analfabetismo+segundo+os+Censos+total+e+por+sexo-2517>



Telescola, Estúdio A — RTP Porto [RTP]

Educação de Adultos», depois de ter vencido um concurso em que foram convidados a participar dois professores primários de cada distrito do país. Nos lugares cimeiros ficaram, ainda, os professores Jorge Tristão e António Cardoso. Os dois últimos só em outubro de 1964 seriam chamados para exercer funções, juntando-se a António Maria Saraiva e dando continuidade ao trabalho por ele iniciado na *Televisão Escolar*. «Eu e o António Cardoso dávamos um curso ao nível do que a instrução primária

dava na 3.^a e 4.^a classes»¹⁵, recorda Jorge Tristão, no sofá da sala da mesma casa, em Vila Nova de Gaia, para onde foi viver nesse longínquo ano de 1964.

É neste momento que a RTP Porto entra, pela primeira vez, nesta história, ao contrário do que estava inicialmente previsto... Tanto Jorge Tristão como António Cardoso se recordam bem de terem andado ainda à procura de casa para se instalarem em Lisboa. «À última hora», recorda Jorge Tristão, «sou surpreendido pelo presidente

¹⁵ Entrevista, 30 de abril de 2019.

da Comissão de Televisão Escolar e Educativa [CTEE, antecessora do IMAVE] a dizer-me ‘olhe que afinal a RTP decidiu que este curso de *Televisão Escolar* vai para o Porto, porque tem lá uns estúdios inaugurados há pouco tempo, com o pessoal todo e não tem praticamente programas’.»

A procura de casa prossegue, pois, no Norte, para onde se muda também António Maria Cardoso, que continua a ensinar a

matéria correspondente ao 1.º e 2.º anos do ensino primário. Para o novo desafio de ensinar para uma câmara de televisão, os três professores acumulavam com o vencimento e o subsídio de deslocação pagos pelo Ministério um generoso cachê a expensas da RTP: 600 escudos por cada programa apresentado (quatro vezes mais o que o Ministério lhes pagava).

UMA MÁQUINA À ESPERA DE SER OLEADA

Jorge Tristão pôde então comprovar que a realidade da RTP Porto correspondia àquela que António Carlos Leónidas, à época presidente da CTEE, lhe havia descrito: «Eles realmente tinham todo o pessoal preparado, mas não tinham praticamente programas. Era o Pedro Homem de Mello, alguns teatros e praticamente mais nada», lembra.

Com a vinda do «Programa para Educação de Adultos» para o Norte, algo muda na RTP Porto, que começa paulatinamente a ter aquilo que lhe faltara nos primeiros anos de vida: trabalho. De pontual, a atividade no estúdio do Monte da Virgem passou a diária: entre segunda e sexta, três dias eram destinados às aulas de António Maria Saraiva e dois às de Jorge Tristão e António Cardoso, que lecionavam em conjunto. Se o primeiro se servia mais do quadro, a dupla procurava diversificar os materiais de apoio às lições. Para tal, ajudou o facto de, além de professor, António Cardoso ser também

pintor e colocar a sua veia artística ao serviço do ensino, recorrendo frequentemente ao desenho para ilustrar as matérias. Mas essa não era a única forma de dinamizarem as aulas: aproveitando o facto de trabalharem em televisão, serviam-se de imagens em movimento para cativarem os alunos. Jorge Tristão lembra-se de ter saído inúmeras vezes com Artur Moura para fazer filmagens: «Era o único operador de cinema quando eu cá cheguei e era com ele que eu trabalhava.» Na altura, assegura, toda a estrutura da RTP Porto, desde a produção até às filmagens, passando pela realização, começou a trabalhar com a *Televisão Escolar*. «O trabalho de todos os setores da RTP Porto foi extraordinário, de um grande profissionalismo», destaca.

A dedicação dos profissionais não seria, porém, pelo menos para todos, sinónimo de satisfação plena com a nova incumbência dada ao Monte da Virgem — primeiro com

IMAGEM	TEMA DA LIÇÃO	SOM
Slide. Prof. in, de pé, junto da secretária.		
<u>Cartão 1</u> (Leg. Profª. Françoise Leblanc) Em sobreposição.	Bonjour... Nous allons étudier aujourd'hui la leçon 16, à la page 44. Ouvrez vos livres à la page 44. Attention, je vais lire lentement la leçon; vous allez suivre sur vos livres. (Leitura lenta da lição)	
<u>Cartão 2</u> (Foto da capa do livro) Prof. in	Primeiro vimos uma descrição da sala de aula. Agora, vamos ver o que se passa na sala de aula, quando os alunos e o professor estão presentes.	
O Prof. vai ao quadro plástico e escreve certas palavras.	(Explicação da lição 16: pronúncia, vocabulário e expressões).	

Alinhamento TV de um
programa *Telescola* [João Duarte]

a *Televisão Escolar* e, logo depois, também com a *Telescola*. Jorge Tristão confirma-o: «Fomos recebidos com umas certas reticências, o pessoal não aceitou muito bem estes programas, não era aquilo que queria. Estavam mais calhados para o *showbiz*.»

Antero Nunes, um dos primeiros funcionários do Monte da Virgem, tem essas reti-

cências bem presentes. Situa-as no facto de a RTP Porto «nunca ter sido chamada a dar uma opinião. Foi aceitando coisas». A seu ver, isso aconteceu também com a *Telescola*: «A opção que tinha era entre fazê-la ou não fazer nada, o que era pior.» Mas, defende, «a *Telescola* não era um programa propriamente dito de televisão»¹⁶.

¹⁶ Entrevista, 29 de maio de 2018.

ESCOLA TAMBÉM PARA OS PROFISSIONAIS DA RTP

Nos 11 anos em que primeiro a *Televisão Escolar* (no ano letivo de 1964/1965) e depois a *Telescola* (de 1965/1966 a 1974/1975) são emitidas em direto a partir do Monte da Virgem, a capacidade de produção de outros programas pelo CPP ficou bastante condicionada. Desde logo, porque havia apenas um estúdio, o A, que, com a emissão das aulas, passou a estar a maior parte do tempo ocupado. Na passagem da *Televisão Escolar* para a *Telescola*, a RTP Porto aumentou exponencialmente o seu volume de trabalho. Se, enquanto durou a primeira, as aulas iam para o ar nos dias úteis apenas entre as 19h e as 19h30¹⁷, quando a *Telescola* arrancou, as lições passaram a ocupar a emissão da RTP durante várias horas por dia (ver gráfico seguinte), sem prejuízo do que era a emissão normal de televisão, já que a abertura desta foi antecipada, passando a iniciar-se ao princípio da tarde e não da noite, como até então acontecia.

Em 1966/1967, a emissão de aulas em direto ocupava quatro horas diárias de segunda a sexta e duas horas e meia nas manhãs de sábado. Nesse ano, à transmissão das lições do 1.º ano somou-se a das lições do 2.º ano e o resultado foi, em

1966, 658 horas de *Telescola* emitidas a partir dos estúdios do Porto. Ou seja, ela passou a representar a maior fatia de programação da RTP, como assinala o anuário desse ano¹⁸. Tal preponderância manteve-se ainda ao longo dos anos seguintes. Só em 1976, a programação do Cinema ultrapassa a da *Telescola* em termos de horas de emissão¹⁹.

Daí que, em outubro de 1974, quando o jornalista Ruy Ferrão faz um programa sobre o funcionamento da RTP²⁰, a propósito dos 17 anos da empresa, se encontrem no CPP várias vozes de descontentamento com a presença desta escola no Centro. O realizador Adriano Nazareth vê nela «um dos motivos que têm impedido aqui um trabalho válido», explicando que, por trabalho válido, entende «aquele que nós gostamos de fazer: teatro, variedades e outras coisas mais». Uma anotadora, Maria Júlia Guedes, solta também o seu lamento para a câmara: «A *Telescola* tira-nos um tempo terrível, nós estagnámos.» Já o assistente de realização Castro Henriques queixa-se sobretudo do trabalho rotineiro: «Ao fim de alguns anos, todos os dias a mesma coisa, até cria maus vícios.»

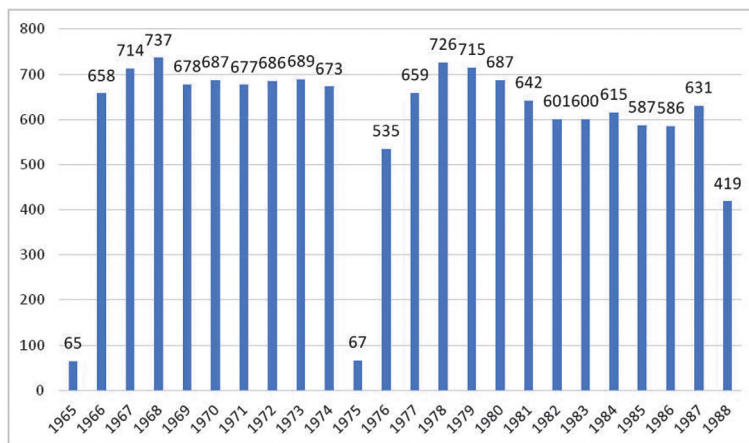
17 «Os horários da TV Escolar e Educativa» (1964, 17 de dezembro). *Rádio e Televisão*, 86, p. 23.

18 *RTP (1966): Anuário*, p. 141. Lisboa: RTP.

19 *RTP (1976): Anuário*, p. 12. Lisboa: RTP.

20 Ferrão, R. (Jornalista) (1974, 13 de outubro). «Sabe onde fazemos televisão?... V» (Programa de televisão). *RTP Arquivos*. Retirado de <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/sabe-onde-fazemos-televisao-v/>

EVOLUÇÃO DAS HORAS DE *TELESCOLA* EMITIDAS PELA RTP (1965-1988)



Fonte: Anuários RTP, 1965-1988

Mas, naturalmente, nem tudo foi negativo. O próprio Castro Henriques deve a *Telescola* o ter ficado na RTP. Encontrava-se a fazer estágio quando ela começou e, dado o aumento do volume de trabalho, foi contratado. Não foi o único. Hoje reformado, continua a achar, como referia já naquela peça, que «a *Telescola*, no princípio, é uma boa escola, habitua a pessoa a estar no estúdio à vontade»²¹. José Dias, operador de câmara também na reforma, partilha da mesma opinião: «Pôs-nos mais à vontade no manuseamento dos equipa-

mentos, embora eles não fossem muito complexos.» E sobretudo, acrescenta, «foi uma maneira *soft* de começar, para enfrentarmos situações mais complexas que vieram a seguir e que requeriam mais atenção, mais movimentos de câmaras, mais iluminação»²².

A *Telescola* significou uma escola não só para os profissionais da parte técnica: «Foi fundamental pelo treino que deu com o direto, ganhámos um grande traquejo, eu senti isso quando vim para o *Telejornal*»²³, confessa a jornalista Manuela de Melo. Ela,

²¹ Grupo focal, 29 de junho de 2018.

²² Grupo focal, 18 de junho de 2018.

²³ Entrevista, 12 de abril de 2019.

que viria a ser um dos rostos mais conhecidos da Informação da RTP no Porto, entrou na televisão precisamente pelas emissões escolares. Era na altura atriz no Teatro Universitário do Porto: «O encenador que trabalhava connosco era o Correia Alves, que também era realizador na *Telescola*, e convidava a malta para ir colaborar na dramatização de textos, em leitura de poe-

mas»²⁴, recorda, partilhando que ainda hoje é abordada na rua por causa dessas prestações. A visibilidade dada ao Monte da Virgem terá sido outra mais-valia da presença da *Telescola*: «Os professores referiam que estavam nos estúdios do Porto da RTP»²⁵, recorda José Manuel Vasconcelos, que fazia controlo de imagem.

O PODER SEDUTOR DA TELEVISÃO: «COMO OS SMARTPHONES PARA AS CRIANÇAS DE HOJE»

Com o fim da *Televisão Escolar*, Jorge Tristão, António Maria Saraiva e António Cardoso perderam o cachê de apresentadores e passaram a realizadores da *Telescola*, juntamente com mais três realizadores da RTP: Adriano Nazareth, Correia Alves e Marques Vicente. «Tínhamos que ajudar os professores que apresentavam, e que tinham uma equipa a colaborar com eles, a fazer um guião»²⁶, explica António Cardoso. «Eram competentes nas suas funções pedagógicas, mas na televisão tinham que ser formados», completa Jorge Tristão. A todos, o professor-realizador tentava passar o mesmo princípio: «Um programa pedagógico é um programa de televisão.»

Os guiões das várias disciplinas previam, por isso, com frequência a exibição

de imagens (desenhos e/ou fotografias e, às vezes, também, pequenos filmes), além do recurso ao flanelógrafo e, mais tarde, também ao quadro magnético. Outra estratégia usada, já atrás referida, consistia em levar convidados a estúdio.

Gérard Guitton, o carismático professor de Francês, que perdeu a conta ao número de cartas de alunos e monitores que recebeu, recorria a inúmeros amigos e conhecidos, falantes nativos de francês que viviam no Porto, para irem às suas lições fazer *sketches* em que se simulava, por exemplo, uma ida ao médico: «Ia buscar quem pudesse estar livre naquele dia àquela hora porque as aulas eram em direto.» Às vezes conseguia que fossem também os filhos dos amigos: «A pronúncia deles servia de modelo,

²⁴ Entrevista, 14 de abril de 2018.

²⁵ Entrevista telefónica, 10 de abril de 2019.

²⁶ Entrevista, 26 de abril de 2019.

dava o exemplo aos alunos que estavam a ver»²⁷, explica. Guitton tinha outras formas de cativar quem o seguia do outro lado do ecrã: «Mentalizava-me que estava à frente dos alunos quando falava para a luzinha da câmara» e, daí, a naturalidade com que lhe saía o famoso «repétez vous» (repitam), dando tempo aos alunos que o seguiam nos postos de repetirem o que dissera e aperfeiçoarem assim a pronúncia.

Do lado de lá do ecrã, o ator Jorge Paupério foi um dos muitos alunos que em todo o país seguiram as aulas pela televisão. No caso dele, até vivia em Matosinhos (a *Telescola* teve maior implantação nos meios rurais), mas os pais não queriam que apanhasse o comboio para ir estudar na escola mais próxima, no Porto, e a opção foi frequentar o posto da Senhora da Hora. Nota-se-lhe o brilho nos olhos quando recorda esses tempos: «Aquelas aulas eram absorvidas de uma maneira incrível! Naquela altura a televisão era como os *smartphones* para as crianças de hoje», compara, para justificar as «notas altíssimas» que teve quando chegou ao liceu, especialmente a Francês. Não são só as notas que recorda, lembra-se bem do «choque» que teve quando retomou o ensino tradicional: «Achei que era horrível, porque era um professor a escrever no quadro.»²⁸

Virgínia Cardoso foi professora num posto-piloto da *Telescola* em Gaia, logo

em 1965/1966 (onde os responsáveis pelo método podiam ver de perto como era recebido o novo subsistema de ensino), e via nos alunos que acompanhava esse fascínio de que fala Jorge Paupério: «Aquele contacto com o televisor era uma novidade para eles, viviam encantados», descreve, recordando que muitos tinham ali o primeiro encontro com uma televisão. O que mais a impressionou na experiência foi justamente o aproveitamento escolar a que assistia: «Via resultados mais rápidos do que no ensino direto»²⁹, garante.

De facto, as avaliações feitas a este modelo de ensino, como o *Relatório Taylor* em 1977 ou o *Grupo de Avaliação da Telescola*, em 1979, destacaram a sua qualidade pedagógica³⁰. Nada que surpreendesse quem lá trabalhava, como Eunice Taveira da Gama, professora de Português. Preserva ainda algumas das centenas de fichas de trabalho que preparou com a sua equipa para serem enviadas atempadamente para os postos de receção e exploradas, com o apoio do professor monitor, pelos alunos no final de cada aula televisionada. Na *Telescola*, afirma, «o trabalho era mais e a responsabilidade muito maior» do que no ensino tradicional. Tudo o que fazia era «público». Não apenas por aparecer na televisão, mas também devido a esse trabalho de bastidores que era enviado para os postos de receção: «Fazíamos também as

27 Entrevista, 6 de maio de 2019.

28 Entrevista, 12 de abril de 2019.

29 Entrevista, 26 de abril de 2019.

30 Barros, 2012.

fichas de avaliação, mandávamos a correção, as cotações, tudo.» Neste «tudo» entrava ainda a formação dos monitores, dada igualmente através da RTP, em horários especí-

ficos. Sobre o contacto com a RTP, Eunice refere que «era muito pouco. Quando íamos para lá era para nos fecharmos no estúdio a dar a aula»³¹.

TELESCOLA E RTP: O LENTO CORTE DO CORDÃO UMBILICAL

Embora o IMAVE tivesse ficado sediado em Lisboa, a *Telescola* tinha a sua sede estrategicamente situada em Vila Nova de Gaia, a escassos metros da RTP (inicialmente numa vivenda na Rua Conceição Fernandes, mais tarde em dois prédios da também vizinha Rua D. Fernando). Era lá que se preparavam todas as aulas, o material que servia para ilustrar as matérias (desenhos, fotografias, letras e números para colocar no flanelógrafo, pequenos filmes, por vezes), as folhas de apoio às lições para enviar para os postos de receção. À RTP, os professores deslocavam-se apenas na altura de apresentar as aulas em direto, e os materiais eram levados a pé da sede até à RTP por funcionários, como Alípio Silva, que trabalhou na *Telescola* desde o início até ao seu encerramento e é certamente um dos seus mais acérrimos defensores. Entre as muitas funções que exerceu lá dentro, a de motorista deu-lhe uma visão privilegiada do que era a realidade dos postos por esse país fora. Por vezes, no inverno, a alguns não conseguia chegar com a sua carrinha. «As acessibilidades eram

complicadíssimas», recorda. Uma das coisas que transportava eram geradores, pois, «no interior, eram muitos os postos que não tinham energia elétrica». Na raia, prossegue, «havia muitas interferências por causa da televisão espanhola». Lembra-se de, na zona de Montalegre, o Padre Fontes, que também era monitor da *Telescola*, ter, juntamente com outros colegas, ajudado a montar um retransmissor para garantir a qualidade das emissões. Muitas das situações que guarda na memória prendem-se com esse esforço que via os monitores fazerem para superar as dificuldades inerentes à especificidade daquele ensino. «Na Escola de Trevões, em São João da Pesqueira, vi o monitor a tirar o amortecedor de uma bicicleta de todo-o-terreno para fazer um trampolim e conseguir que os alunos fizessem a aula de educação física», conta. Esta disciplina, em que na televisão alunos faziam exercícios orientados por um professor e acompanhados ao piano por Miguel Graça Moura, era um desafio para os monitores, condicionados por escolas onde as condições nem sempre eram as

31 Entrevista, 30 de abril de 2019.

melhores. «Em muitas, os logradouros eram muito pequenos»³², acrescenta ainda Alípio.

Realizadores, anotadoras, operadores de câmara, de áudio, de mistura, assistentes de realização, cenógrafo, ajudantes de carpintaria trabalharam incansavelmente tardes a fio no Monte da Virgem para assegurarem as emissões televisivas escolares até 1975. Nesse ano, as emissões das aulas do *Ciclo Preparatório TV* (nome que a *Telescola* assume a partir de 1968/1969) deixam de ser da responsabilidade dos profissionais do CPP. A sede da *Telescola* ganha um estúdio próprio e as aulas passam a ser filmadas lá, ainda em preto e branco (a cor só chegaria em 1980). «Fazíamos a emissão toda nas nossas instalações, mas quem punha o sinal no ar eram os emissores da RTP, a que estávamos ligados por sinal de vídeo e áudio. O sinal era transportado por um cabo que atravessava o pinhal que nos distanciava da RTP»³³, precisa Jorge Barreira, cinematógrafo na *Teles-*

cola, onde produzia material audiovisual de suporte às aulas.

É difícil não ver no cabo um cordão que ligava as duas instituições umbilicalmente e que, na realidade, demorou muito tempo até se romper por completo. Nos primeiros anos, além do cabo, outra relação se mantinha, que Jorge também recorda: «Eu ia quase todos os dias à RTP, porque o laboratório de cinema era o mesmo. Levávamos lá a película para a revelar e depois a poderemos montar nas nossas instalações.»

O corte definitivo da RTP com a *Telescola* dar-se-ia mais de uma década depois. No ano de 1988/1989, a RTP deixa de emitir as aulas, passando estas a ser gravadas em vídeo e as cassetes enviadas para os mil postos que então existiam no país, onde eram vistas por 50 mil alunos³⁴. A *Telescola*, que a partir de 1991 receberia o nome de *Ensino Básico Mediatizado*, usaria este sistema de cassetes até 2004, ano em que foi extinta.

UMA «ILHA DENTRO DO ESTADO NOVO»

De certa maneira, porém, há um lado da *Telescola* que permanece vivo no Monte da Virgem. Se os profissionais que, dentro da RTP, a trabalharam até esse ano de 1975 já se reformaram, outros há que, tendo sido inicialmente contratados pela *Telescola*,

transitaram depois para o CPP por concurso público. Alguns, como Carlos Sá Pereira, realizador, Céu Pinto, produtora, e Eduardo Canela Lopes, operador de câmara, ainda lá permanecem. Todos são unânimes em reconhecer que, também para eles, a *Telescola*

³² Entrevista telefónica, 24 de maio de 2019.

³³ Entrevista telefónica, 10 de abril de 2019.

³⁴ Peça RTP (1988, 30 de junho). *RTP Arquivos*. Retirado de <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/continuidade-da-telescola/>

TELEESCOLA
Gabinete do C.P.T.V.
Preparatório T. V.

DECLARAÇÃO

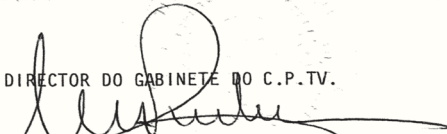
Para os devidos efeitos se declara que o Prof.a [REDACTED]
[REDACTED] do 2º grupo do 2º Ciclo do Ensino Básico
exerceu funções docentes no Ciclo Preparatório TV, na situação de destacamento
nos respectivos serviços centrais em Vila Nova de Gaia, na qualidade de elemen-
to da equipa pedagógica de PORTUGUÊS, de 7 / 7 / 1977 a
30 / 8 / 1985, e no ano lectivo de 1974/75.

No exercício destas funções competiu-lhe nomeadamente entre outras tarefas:

- Conceber manuais escolares e provas de avaliação para uso dos alunos que frequentavam esta modalidade de ensino.
- Conceber manuais de orientação pedagógica-didáctica para utilização dos Professores-Monitores do C.P.TV.
- Conceber e produzir lições gravadas em vídeo para serem difundidas através da R.T.P. ou em circuito interno e que se destinavam ao normal desenvolvimento das actividades lectivas no C.P.TV.
- Conceber e produzir acções de formação e de orientação gravadas em video difundidas através da R.T.P. ou em circuito interno para apoio ao trabalho dos respectivos professores-monitores.
- Conceber e dinamizar acções de formação presenciais para orientadores pedagógicos e professores-monitores do C.P.TV.
- Planificar, coordenar e apoiar para cada ano lectivo e para desenvolvimento em todos as escolas do C.P.TV. as actividades inerentes à respectiva disciplina.

Vila Nova de Gaia, 10 de Janeiro de 1992

O DIRECTOR DO GABINETE DO C.P.TV.


(Manuel de Vasconcelos Pinheiro)

foi uma escola de televisão que lhes abriu a porta para a RTP.

Na altura, recorda Sá Pereira, «não havia universidades que dessem formação nesta área. Era o Centro de Formação da RTP e a *Telescola*»³⁵. Céu Pinto não tem dúvidas de que ficou «porque dominava a linguagem». Os testes, explica, «tinham linguagem de televisão que a maioria das pessoas desconhecia»³⁶. No seu caso, já na *Telescola*, tivera aulas de câmara com profissionais da RTP. Céu foi operadora de câmara lá — a primeira do sexo feminino no país. Já para Eduardo Canela Lopes, a televisão escolar foi mais uma etapa numa formação ligada à imagem que começou, como autodidata, em jovem, quando no liceu fazia filmes com amigos e se tornou sócio do Cineclub de Porto. Para ele, a RTP Porto ganhou quer com a *Telescola*, porque «a rotina de fazer é sempre muito importante», quer, mais tarde, com a sua saída, que «permitiu que o Porto ganhasse asas e fizesse outras coisas»³⁷.

Jorge Tristão pensa que, pelo contrário, ao sair da RTP, a *Telescola* perdeu: «Ela praticamente morre em 1975, depois do 11 de Março.» Na opinião do professor e realizador, há uma dívida do país em relação a este modelo de tele-ensino. Ou, como refere, «uma injustiça». Porquê? «A *Telescola* é considerada uma estrutura fascista, do Estado Novo», nota, quando, do seu ponto

de vista, foi precisamente o oposto: «Uma ilha dentro do Estado Novo, uma instituição democrática.»

E a democracia, quando chegou, cruzou-se com ela. Estava a *Telescola* no ecrã da RTP quando os militares do Movimento das Forças Armadas entraram no Monte da Virgem na tarde do 25 de Abril de 1974. Dentro do estúdio, o assistente de realização Pedro Souto e Castro apercebeu-se da sua chegada: «Estavam a dizer que iam tomar conta dos estúdios e começar a emitir de lá.»³⁸ Mas, antes, deixaram que a aula do professor Gérard Guitton chegasse ao fim. Só depois o porteiro, que naquele dia era o «Senhor Martins» — na altura, havia sempre um porteiro a tomar conta da entrada do estúdio — abriu a porta do estúdio à Revolução.

35 Entrevista, 24 de abril de 2019.

36 Entrevista, 24 de abril de 2019.

37 Entrevista, 24 de abril de 2019.

38 Entrevista, 7 de junho de 2018.